

## RESPOSTA AO IGNÁCIO: UM GALO SOZINHO NÃO TECE UMA MANHÃ

*Edna Maria F. S. Nascimento\**

*A gente morre é para provar que viveu.  
As pessoas não morrem ficam encantadas.*

(Guimarães Rosa)

**J**á conhecia o professor Doutor Ignácio Assis Silva dos encontros do Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, mais tarde denominado Centro de Estudos Semióticos. Mas foi em 1985 que a proximidade do espaço nos tornou companheiros de trabalho no antigo ILCSE, Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, da Unesp, em Araraquara.

Ele fez parte da minha banca de concurso de seleção para contratação e nos afinamos logo, porque meu tema de trabalho de doutorado era basicamente fundamentado nas concepções desenvolvidas por Greimas em um capítulo da *Semântica estrutural*, denominado "Funcionamento metalingüístico do discurso". A partir desse aparato teórico, buscava explicar as funções da metalinguagem natural em Guimarães Rosa, autor que também se constituiu um elo entre nós. Assim como eu, ele acreditava nas palavras do jagunço Riobaldo: *Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.*

---

\* Universidade Estadual Paulista – Unesp.

Residentes em Araraquara e com familiares em outras cidades – como dizia o Ignácio, *nós somos uma espécie rara que moramos na Washington Luís*, referindo-se a um grupo de professores nessa situação – construímos um espaço acadêmico dentro da Unesp e fora dela. Depois da rotina cansativa de aulas, de relatórios, de congregações, longe do aconchego doméstico, ainda encontrávamos tempo e ânimo para discutir os assuntos não resolvidos no *campus*.

Como muitos que faziam parte do grupo, nunca fui aluna do Ignácio, não me sentei num banco escolar para ouvi-lo falar de Semiótica. A sua postura ortodoxa em relação à Semiótica – tão conhecida de todos – foi sendo ministrada gota a gota no decorrer de conversas, no macio do dia-a-dia, como acredito deva ser todo ensino que não se faz pela imposição, ou pela intimidação, mas pela tentação, provocação e sedução. Pela sedução, principalmente, fui conduzida e sem saber – hoje, escrevendo estas linhas, é que tomo consciência disso – tornei-me sua discípula.

Como deveríamos preparar um curso de pós-graduação juntos, sutilmente, logo, passou-me às mãos para que eu lesse o *Roteiro: para Introdução à Semiótica Greimasiana*, datado de abril de 1981. Contou-me que o escreveu, quando tinha voltado da França, após seminários com Greimas, para facilitar a compreensão dos princípios semióticos. Roteiro rico e muito bem elaborado, dividido em quatro partes: *I – Introdução: o objeto como lugar de inscrição de valores; II – A definição do objeto semiótico. O percurso gerativo; III – A gramática sêmionarrativa: nível profundo; IV – A gramática sêmionarrativa: nível de superfície*. Quem se deparava com esses itens na década de 1980 – e ainda mais hoje com os avanços da Semiótica – poderia ponderar: a explanação do conteúdo semiótico a partir dos níveis do percurso gerativo já é clássica; é assim que se apresenta a teoria semiótica em qualquer manual. Mas o inusitado desse roteiro de estudos está no como o autor discursiviza os pressupostos greimasianos: a teoria, repensada e reescrita em uma linguagem

clara e precisa, é entremeada de exemplos que elucidam o leitor e de citações que referendam o suporte teórico.

No título *O objeto é uma ilusão*, o professor Ignácio registra:

1. O Objeto é uma ilusão:

1.1 no sentido de que não devemos deixar-nos levar pela sua aparente consistência “icônica”. Pela sua “realidade” imediata.

Concretizando o apontamento, ele nos remete a um belo exemplo das artes plásticas, tão do seu gosto. Escreve:

Cf. R. Magritte: CECI N'EST PAS UNE POMME.

Continuando, pontua no item seguinte, ainda em relação à afirmativa *O objeto é uma ilusão*:

1.2 no sentido de que ele é uma teia de relações humanas: “Sabemos que o Objeto não é nada e que sob ele se entretece o vazio das relações humanas, o desenho em côncavo da imensa mobilização das forças produtivas e sociais que aí vêm reificar-se”. (Baudrillard, *La société de consommation*, Paris, p. 299)

Em 1.3, ainda se referindo ao fato de que o objeto é uma ilusão, cita um dos princípios fundamentais do mestre genebrino para a Semiótica e reescreve-o a partir de uma perspectiva da enunciação, citando também outros autores:

1.3 no sentido de que ele é um *lugar* de inscrição de valores selecionados pela perspectiva, pelo ponto de vista adotado pela enunciação. “Shakespeare percebeu muito bem que a perspectiva é a arte da ilusão” (Mc. Luhan e H. Parker). “Bem longe de dizermos que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”. (Saussure)

*Retomando o conceito de drama de Lucien Tesnière, sintaticista que o Ignácio admirava, responde à questão que ele mesmo propõe*

no Roteiro: para Introdução à Semiótica Greimasiana, *quando intitula o item 5. Que sintaxe é esta? Com clareza e objetividade de autêntico professor, responde diferenciando sintaxe narrativa de sintaxe lingüística:*

É uma sintaxe narrativa, não uma sintaxe lingüística. Ela entende o enunciado elementar como um *simulacro* semiótico que representa sob a forma de um *espetáculo*, a relação do homem com o mundo (Cf. Tesnière: “... um nódulo verbal exprime um pequeno ‘drama’ que comporta obrigatoriamente um processo e, muito freqüentemente, atores e circunstâncias”);

Importantes também, nesses apontamentos reflexivos, são as diversas indicações de leitura que, dialogando com o autor, referendam o seu texto ou complementam os itens arrolados no roteiro. Há espaços em branco, que possivelmente ele completaria depois, que se referem à data da publicação e páginas de obras:

Para mais elementos sobre a relação entre universo semântico e visão de mundo cf. Greimas 1966: 117 e seguintes; Ver tb. Guillaume, 19: ; associar tb. à colocação de B. L. Whorf, 19 ; Cf. Olivier Reboul, 1978, páginas 124 e 125.

LEITURA RECOMENDADA: “Un problème de sémiotique narrative: les objects de valeur”, *Langage* n. 31, Paris. Didier/Larousse, 1973, p. 13-35.

Além dessa preocupação didática de tornar a Semiótica “mais palatável”, expressão sua, o roteiro se constitui como uma rica peça de estudos. Precedidos por três barras, o autor deixa pontos para reflexão, como este que encaminha uma discussão sobre a imanência do modelo semiótico e a construção do sujeito discursivo, aquele ser de papel construído pelas qualificações que lhes são atribuídas pelo discurso e não *ab exteriore*:

/// Atenção para a falácia dos enfoques que encaram o objeto sozinho; para a má fé ou para a ingenuidade dos que acu-

sam a Semiótica de se enclausurar no texto e considerá-lo como único lugar de apreensão do sentido. Semioticamente falando, essa acusação é absurda: o texto, enquanto Objeto da Enunciação, não é senão um “*trompe-oeil*”, um lugar ilusório onde se depositam os valores que, via relações, vão qualificar o Sujeito; o que se visa é o Sujeito; os meios de chegar lá é que não se acham ainda disponíveis. Tentar criar uma taxionomia ou uma tipologia de Sujeitos “*ab exteriori*” é que não é semiótico, é que é anti-discursivo.

Os anos se passaram, mais pessoas tiveram acesso a esse roteiro que, embora não publicado, cumpre o seu papel, como pretendia seu autor. Seduz, com certeza, e continuará a seduzir e a formar mais discípulos que juntos darão continuidade a esse trabalho, buscando soluções para os problemas apontados por ele.

A mudança de um sujeito do espaço do eu-aqui-agora para o do ele-lá-então não se constitui como passado. O sujeito se impõe sempre como presença pelas narrativas que vive e compartilha e pelos diferentes papéis temáticos que exerce. Desses papéis sociais vividos pelo Ignácio, re-tenho como presente o que pude compartilhar com ele no espaço da Unesp: o de professor-pesquisador e do amigo das horas certas e incertas, do sem hora, do sem tempo e que mostrou a trilha das veredas, deixando-nos o legado, ao citar o poeta, no final da sua tese de livre-docência, publicada sob o título: *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso: Um galo sozinho não tece uma manhã.*